

Música
15 de outubro 2012

Avis Rara

Gaiteiros de Lisboa

FUNDAÇÃO CAIXA GERAL DE DEPÓSITOS

Culturgest

Voz, bombos, timbalão, pratos, charmariz, bloco, shlagabell, sanfona, sanfononcello, clarinete Carlos Guerreiro

Voz, trompa, gaita transmontana, gaita galega em dó, small pipe em ré, ponteiro de small pipe em lá, tarota, dulçaina, kissange, xeque-xeque José Manuel David Gaita transmontana, gaita galega em ré, gaita galega em dó, sevina, gaita swayne em sol, ponteiro smallpipe em lá, tarota, kanarion Paulo Marinho Timbalão, caixa, pandeireta, prato, jogo de sinos, tubarões, flautões, túbaros d'Orfeu, guimbarde Pedro Calado Voz, bombos, tambor de cordas, xeque-xeque, charmariz Pedro Casaes Voz, bombos, timbalão, caixa, pandeireta, crócalos, pratos, charmariz, bloco Rui Vaz

Gaiteiros de Lisboa

Poucos serão os nomes na música portuguesa que reúnam um tão generalizado e sólido consenso como o dos Gaiteiros de Lisboa. Chamar-lhes «instituição» poderia acarretar o perigo de lhes imputar alguma rigidez, mas os Gaiteiros de Lisboa exibem com orgulho o estatuto de «Grupo de Manifesto Interesse Cultural» atribuído pela Secretaria de Estado da Cultura e têm sido tudo menos rígidos na sua história, feita de abertura, de imaginação e de um sucesso só explicável com a qualidade.

Atualmente, integram os Gaiteiros os músicos Carlos Guerreiro, José Manuel David, Pedro Calado, Paulo Marinho, Pedro Casaes e Rui Vaz, um verdadeiro grupo de luxo feito com gente que ostenta uma experiência rica que toca nas carreiras de nomes grandes da música portuguesa como José Afonso, Sérgio Godinho, Vitorino, Amélia Muge, Rui Veloso, Sétima Legião ou Adufe. Ou seja, um vasto campo que se estende do rock ao jazz passando ainda pelas músicas tradicionais.

Na música dos Gaiteiros passam ecos da história e o resultado de um olhar sério e profundo sobre as nossas raízes,

sobre as ligações que nos prendem à Europa e ao mundo, mas também sobre as possibilidades encerradas pelo futuro. Uma das marcas da identidade dos Gaiteiros e dessa abertura a um universo de possibilidades passa pela invenção de instrumentos, uma das receitas para o seu som original que marca tanto os espetáculos como a sua aplaudida discografia. De *Invasões Bárbaras* – o primeiro CD datado de 1994 – a *Sátiro* – o último trabalho editado, já com meia dúzia de anos – vai a distância de um grupo que soube crescer, recolher aplausos em palcos nacionais, mas também noutros países da Europa.

Há agora um novo capítulo nesta história de invenção e aventuras. Tem por título *Avis Rara* e é o novo álbum dos Gaiteiros que agora passará do disco para o palco num espetáculo muito especial. «*Avis Rara* é um título que de certa forma traduz o conteúdo deste trabalho, não só pela estranheza de sons e arranjos que ele contém, como pela originalidade e irreverência na abordagem do já tão explorado filão da Música Tradicional Portuguesa», explica Carlos Guerreiro.

«A modernidade passa muitas vezes por estas surpresas de ida e volta na

máquina do tempo», escreveu João Govern a propósito de *Invasões Bárbaras*. Já o *Público*, pela mão de Fernando Magalhães, não hesitava em 1997 quando descrevia *Boca do Inferno* como o álbum português do ano. A mesma distinção que o então semanário *Blitz* também atribuiu a esse disco. Já sobre *Macaréu*, ainda nas páginas do *Blitz*, Gonçalo Frota escrevia que «até ao momento, os Gaiteiros revelam-se simplesmente incapazes de produzir outra coisa que não seja uma monumental obra-prima». Este arrebatamento conseguiu sempre passar dos textos sobre os discos para as reportagens e crónicas devotadas aos concertos. Os Gaiteiros de Lisboa não sabem de facto não ser brilhantes.

E nesta história, os Gaiteiros foram ganhando aliados: trabalharam de perto com José Mário Branco, que chegou a integrar o grupo no início da sua carreira, abriram espetáculos para a Sétima Legião, contaram com colaborações de gente como Pacman dos Da Weasel ou Mafalda Arnauth nos seus discos, foram convidados de Sérgio Godinho ou das Vozes da Rádio e criaram uma efetiva ponte com Espanha, aproveitando a forte implantação das gaitas na Galiza para daí levarem a sua música a todo o país vizinho, incluindo uma triunfal apresentação na edição de Sevilha da importante mostra de músicas do mundo que é o Womex. Fizeram pontes com a Córsega, participaram num documentário sobre Giacometti... Os Gaiteiros de Lisboa, enfim, têm-se afirmado como um tesouro vivo da nossa música, um dos mais sólidos valores

da nossa identidade e modernidade. E agora estão de regresso aos palcos e com um novo trabalho discográfico em mãos. Ótimas notícias!

O Grupo

A estreia. A primeira apresentação ao vivo (com José Mário Branco) foi em 21 de março de 1994, no Centro Cultural de Belém, desvendando as intenções “bárbaras”: música em estado puro, a conjugação dos instrumentos; agarrar em dois bocadinhos de cana e um canivete e fazer um instrumento, colocar vozes por cima, tocar e fazer harmonias; recolla, transformação dos materiais, daquilo que seria o som dos bárbaros que invadiram a península depois da queda do Império Romano...

Porquê “Gaiteiros de Lisboa”? Talvez porque em Lisboa não há gaiteiros... E daí, talvez responder afirmativamente. Gaiteiros, porque em bom português “gaita” tem um bom punhado de significados diferentes (sim, também esse). As nossas “gaitas” são tudo aquilo que pegamos à procura do SOM, reinventando sanfonas, buscando harmonias até aqui desconhecidas nas nossas gargantas, retesando peles, procurando percutir o que outros pisam, desafinando gaitas de foles, mas afinando tubos de eletricidade.

Veneramos o gaiteiro de Trás-os-Montes que vive tocando e bebendo enquanto outros lhe tratam das terras (bons tempos!), os virtuosos gaiteiros galegos, escoceses e irlandeses e ainda mais outros, que nos tempos conturbados que vivemos tentam devolver

a gaita de foles ao seu habitat natural – o convívio entre as gentes. São como santos no nosso altar musical. Sabemos, no entanto, que o caminho que vamos traçando nunca nos levará àquela santidade.

Tentando encontrar um laço comum entre todos os elementos do grupo, descobrimos que todos tiveram experiências de animação musical. Talvez daí venha esta procura incessante de novidade, de mostrar aos outros não o que a música é, mas o que pode ser se cada um de nós se puser a pensar de uma forma criativa. Então chegará o dia em que não ficaremos surpreendidos quando descobriremos que o instrumento de percussão que melhor liga com aquela melodia de que tanto gostamos é a... mesa da cozinha. E é por aqui que aparece a nossa ligação à música tradicional.

Nos passeios que alguns de nós fizeram por esse país fora gravando e ouvindo vozes e instrumentos (não temos a veleidade de lhes chamar recolhas), aprendemos que em algumas sociedades rurais a música já foi isto, algo mais que premir o botão da mini aparelhagem comprada no hipermercado mais próximo. Lembrando as pinhas, as garrafas com garfo, as violas feitas de latas de azeite, os nossos instrumentos não nos parecem tão estranhos como isso. Foi colhendo todas estas experiências que chegámos ao ponto de nos sentirmos aptos a recriar e não copiar, como assumidamente urbanos que somos, verificando que quanto mais aprofundamos o nosso conhecimento das melodias e ritmos tradicionais, mais modernas e originais elas nos

soam. Por vezes damos connosco a pôr em causa esta constante busca de ideias e irreverências e a quantidade de informação por unidade de tempo contida na nossa música.

Alguns poderão dizer que naquele tema ou no outro passámos demasiado rapidamente por cima de uma boa ideia que podia ter sido melhor explorada. São riscos que corre quem tem toda a música como horizonte e partiu há já alguns anos em busca do desconhecido.

Biografia

Fundado por Paulo Marinho, até 1993 o grupo é composto por Paulo Marinho, Francisco Bouzó e Nuno Cristo. Nesta fase, assume-se fundamentalmente como divulgador das Gaitas de Foles, galega e transmontana, realiza principalmente espetáculos de rua e participa em desfiles e reconstituições históricas. Neste mesmo ano, inicia um profundo processo de transformação, com a saída de Nuno e Francisco, e com a entrada de Carlos Guerreiro, Rui Vaz, José Manuel David e José Mário Branco. Durante os dois primeiros meses de 1994, o grupo faz um percurso laboratorial de exploração de sonoridades, repertório, harmonias e orquestrações, que culmina com a realização daquilo a que se pode chamar o primeiro concerto da segunda fase no CCB com a Ala dos Namorados e as Danças Ocultas. A seguir a esse, muitos outros se seguiram ao longo dos anos de 1994 e 1995, tendo sido alguns como primeiras partes de concertos da Sétima Legião.

Em 1994 o grupo inicia a gravação do

seu primeiro CD – *Invasões Bárbaras*, no palco do Teatro São Luiz. Durante as gravações entra para o grupo José Salgueiro, que assume a gravação de grande parte das percussões.

Em 1995 sai o primeiro CD do Grupo, que é muito bem acolhido pelo público e pela crítica. A partir daí começam as solicitações para concertos em Portugal e em Espanha (Galiza), graças ao grande interesse e divulgação dados ao grupo pelo programa “Luar” da TVGaliza. Sai José Mário Branco e entra Pedro Casaes.

No mesmo ano, os Gaiteiros de Lisboa participam na rotação do filme *Pace et Salute*, de Pierre Marie Goulet, sobre Michel Giacometti, onde conhecem o grupo polifónico Corso “A Cumpagnia”, com quem virão a realizar projetos futuros em Portugal e na Córsega.

Ao longo de 1996 o grupo vai conquistando público, tanto em Portugal como no estrangeiro, e em 1997 é convidado a participar em dois grandes festivais em Rennes, França – “Les Tombées de la Nuit”, e “Festivoce”, na Córsega.

Em 1997 grava o seu segundo CD – *Bocas do Inferno*, com que vence o prémio José Afonso instituído pela Câmara Municipal da Amadora.

O mesmo Álbum é considerado pelo jornal *Blitz* o melhor disco do ano.

No mesmo ano realiza um concerto no Opera Hall de Frankfurt, aquando da abertura da Feira do Livro, com a presença do presidente Jorge Sampaio.

Em 1998 realiza vários concertos na Expo, tanto sozinho como em parcerias com Sérgio Godinho, projeto Adufe e Tim Tim por Tim Tum.

Também para a Expo 98 realiza o projeto *Gaita de Foles*, apresentado na Praça Sony, com a participação de vários grupos de Gaiteiros de Portugal e Espanha.

Em 2000 grava no CCB o duplo CD ao vivo *Dançachamas*, com a participação dos Tocarrufar, Vozes da Rádio, Danças Ocultas e José Mário Branco.

Em 2001 o grupo grava o CD *Macaréu*, que tem como convidado Pac Man dos Da Weasel.

No mesmo ano, é declarado pela Secretaria de Estado da Cultura como Grupo de Manifesto Interesse Cultural.

Até 2003 o grupo aprofunda a sua penetração em Espanha, e os concertos sucedem-se em festivais por toda a Península, desde a Galiza à Andaluzia, e Canárias.

Em 2005 grava o CD *Sátiro* que conta com os convidados Mafalda Arnauth e Manuel Rocha.

Em 2006 é convidado a abrir o Festival da WDR-Berlim, Prix-Europa.

Em 2012 o grupo grava *Avis Rara*, álbum que conta com a colaboração de Sérgio Godinho, Ana Bacalhau, Armando Carvalhêda, Zeca Medeiros e Adiafa.

Ao longo de todos estes anos o grupo tem realizado muitos concertos e outros trabalhos com outros grupos e artistas como Sérgio Godinho no álbum *o irmão do meio*, Adiafa no álbum *Está o banho armado*, Vozes da Rádio *Mapa do coração*, bem com os grupos galegos Leília, Xouteira e Treixadura com quem partilha o projeto *Ponte nas ondas*.



Culturgest, Espaço CarbonoZero®

A compensação das emissões de carbono decorrentes da utilização dos espaços da Culturgest, localizados no Edifício Sede da Caixa Geral de Depósitos, está integrada na estratégia do Grupo para o combate às alterações climáticas. Esta iniciativa enquadra-se num conjunto mais alargado de ações, que vão desde a inventariação das emissões associadas ao consumo de energia e ao tratamento dos resíduos produzidos nas instalações, à implementação de medidas de eficiência energética para redução das emissões. Com efeito, tem-se vindo a assistir a uma redução das emissões de carbono observando-se um decréscimo progressivo de cerca de 35% face a 2008. Esta é uma redução com tendência a acentuar-se com a implementação de um conjunto de medidas adicionais, estando prevista

uma redução total de 16 500 kWh/ano, o equivalente a cerca de 220 viagens de carro Lisboa-Porto.

Apesar de contribuírem para a redução das emissões de carbono, estas ações não são suficientes para evitar por completo estas emissões. Assim, as restantes emissões são compensadas através da aquisição de créditos de carbono provenientes de um projeto tecnológico localizado no Brasil e que cumpre os requisitos Voluntary Carbon Standard (VCS). A compensação das emissões inevitáveis da Culturgest constitui, assim, uma internalização da variável carbono decorrente da utilização dos seus espaços e contribui, igualmente, para a meta de neutralidade carbónica expressa no Programa Caixa Carbono Zero.

Mais informações em:
[www.cgd.pt/Institucional/
Caixa-Carbono-Zero](http://www.cgd.pt/Institucional/ Caixa-Carbono-Zero)



Próximo espetáculo

CELEBRAÇÃO

Dança/Performance

De qui 1 a dom 4 novembro

Vários espaços da Culturgest · M16



Fazem a **CELEBRAÇÃO** Andresa Soares, António Júlio, António Pedro Lopes, Cláudio da Silva, Elizabete Francisca, Gui Garrido, Hermann Heisig, João Calixto, Lígia Soares, Márcia Lança, Marianne Baillot, Nuno Lucas, Pieter Ampe, Rita Natálio, Sofia Dias, Teresa Silva, Vânia Rovisco e Vítor Roriz, entre muitos outros. **Produção executiva** Maria João Garcia **Produção** ONE LIFE STAND **Coprodução** Culturgest **Com o apoio** VAGAR, Máquina Agradável e DemiMonde **Com a parceria** Mais Crítica – Seminário de Formação para Críticos de Artes Performartivas

CELEBRAÇÃO é uma festa de dança e *performance*, desenhada por artistas que residem, circulam, se encontram e trabalham em Lisboa.

CELEBRAÇÃO propõe, durante um fim-de-semana, espetáculos, conversas e uma festa que ocupa o teatro e cria uma janela experimental para modos de pensar e agir em conjunto.

CELEBRAÇÃO é um programa produzido por artistas que se interessam em criar espaços de convergência onde

o encontro e a ação criem princípios de comunidade e relações artísticas mais próximas e profundas.

CELEBRAÇÃO não é uma cartografia da Dança e *Performance* que se faz em Lisboa, nem um retrato de geração ou de um grupo de artistas enquanto jovens. **CELEBRAÇÃO** é, antes, um convite a olhar um recorte da diferença e multiplicidade de quem insiste em trabalhar aqui e agora e em tentar junto uma ideia.

CELEBRAÇÃO é aqui este tempo e é agora este espaço que apresenta vários mundos poéticos em diferentes momentos da sua experimentação, consolidação e existência.

CELEBRAÇÃO é um convite a participar num encontro múltiplo de presenças.

Um encontro com o outro, um encontro com o público, um encontro marcado com Lisboa desenhado num movimento onde se cruzam afinidades, se estabelecem princípios de experimentação conjunta e se cria um presente que questiona as condições em que existiremos no futuro próximo.

Conselho de Administração

Presidente

Fernando Faria de Oliveira

Administradores

Miguel Lobo Antunes

Margarida Ferraz

Assessores

Dança

Gil Mendo

Teatro

Francisco Frazão

Arte Contemporânea

Miguel Wandschneider

Serviço Educativo

Raquel dos Santos Arada

Pietra Fraga

Luísa Fonseca

estagiária

Direção de Produção

Margarida Mota

Produção e Secretariado

Patrícia Blázquez

Mariana Cardoso de Lemos

Jorge Epifânio

Exposições

Coordenação de Produção

Mário Valente

Produção

António Sequeira Lopes

Paula Tavares dos Santos

Fernando Teixeira

Culturgest Porto

Susana Sameiro

Rui Osório de Castro

Comunicação

Filipe Folhadela Moreira

Publicações

Marta Cardoso

Rosário Sousa Machado

Atividades Comerciais

Catarina Carmona

Patrícia Blazquez

Serviços Administrativos e Financeiros

Cristina Ribeiro

Paulo Silva

Teresa Figueiredo

Direção Técnica

Paulo Prata Ramos

Direção de Cena e Luzes

Horácio Fernandes

Assistente de direção cenotécnica

José Manuel Rodrigues

Audiovisuais

Américo Firmino

coordenador

Paulo Abrantes

Ricardo Guerreiro

Tiago Bernardo

Iluminação de Cena

Fernando Ricardo chefe

Nuno Alves

Maquinaria de Cena

Artur Brandão

Técnico Auxiliar

Álvaro Coelho

Frente de Casa

Rute Sousa

Bilheteira

Manuela Fialho

Edgar Andrade

Clara Troni

Receção

Sofia Fernandes

Ana Luísa Jacinto

Auxiliar Administrativo

Nuno Cunha

Coleção da Caixa Geral de Depósitos

Isabel Corte-Real

Inês Costa Dias

Maria Manuel Conceição

Edifício Sede da CGD

Rua Arco do Cego, 1000-300 Lisboa, Piso 1

Tel: 21 790 51 55 - Fax: 21 848 39 03

culturgest@cgd.pt - www.culturgest.pt

Culturgest, uma casa do mundo
